

GEIANE e outros estudantes da Casa Familiar Rural mostram parte da produção comunitária



Donos do amanhã

Programa de desenvolvimento integrado no sul da Bahia prepara jovens agricultores para o futuro, impulsionando a economia local

TEXTO **LUCIANA FRANCO**
FOTOS **ERNESTO DE SOUZA**

Há três anos a vida do agricultor Genival Menezes Melo começou a mudar. E para melhor. Com a instalação da Coopatan – Cooperativa de Produtores Rurais do Município de Presidente Tancredo Neves, a renda de sua família saltou de 400 reais para dois mil reais em três anos, graças à reestruturação da cadeia produtiva da mandioca, principal sustento das comunidades da região, adoção de técnicas modernas de manejo e

eliminação dos atravessadores. Antes, ele mal conseguia pagar as contas – situação idêntica à da maioria dos 1.800 produtores rurais do chamado centro-sul baiano. Em três anos a produtividade cresceu 220%, saltando de oito para 25 toneladas por hectare. “Mudamos o preparo do solo, a seleção das sementes, que agora é feita por tamanho, a adubação e os tratamentos culturais”, explica Genival, que mantém área de cultivo de dez hectares de mandioca e dois de banana.

Com o auxílio da Embrapa, novas aplicações estão sendo adotadas

para a cepa e a folha da planta. “A raiz é beneficiada e se transforma em farinha. O tronco (ou a cepa) pode ser usado como lenha, e a folha, por ser altamente protéica, como ingrediente de ração de peixes”, diz Pedro Luís Pires de Matos, pesquisador da entidade.

Há seis meses, os 670 associados da Coopatan instalaram uma fábrica de farinha no município, com capacidade de esmagamento de 60 toneladas de mandioca por dia. “Estamos quebrando o paradigma de que a mandioca é cultura de pobre e transformando-a em uma atividade



PRODUTORES rurais do Baixo Sul resolvendo os problemas pela raiz: apoio para crescer.

MODELO de educação na CFR é inspirado nas casas familiares francesas, que soma formação profissional com visão humanística da sociedade



GENIVAL: renda familiar cresceu cinco vezes em três anos com investimentos em tecnologia

atraente", avalia Genival, que atua também à frente da linha de produção da fábrica, onde são produzidas cinco marcas de farinha, distribuídas à rede Wal-Mart e Ebal, parceiros sociais deste projeto. O próximo passo será produzir, em escala comercial, ingredientes para a ração de peixes à base de folhas de mandioca.

Fortificar a cadeia produtiva na região do baixo sul da Bahia é um

compromisso da Fundação Odebrecht, entidade mantida pela Construtora Odebrecht. "Nossa missão é educar o homem para a vida", diz Norberto Odebrecht, presidente do conselho de curadores da fundação.

Criada em 1965, com a finalidade de gerar fundo financeiro para funcionários da construtora, ganhou caráter assistencialista em 1988. "Mudamos a estrutura para investir em planejamento familiar e educar o adolescente", explica o executivo.

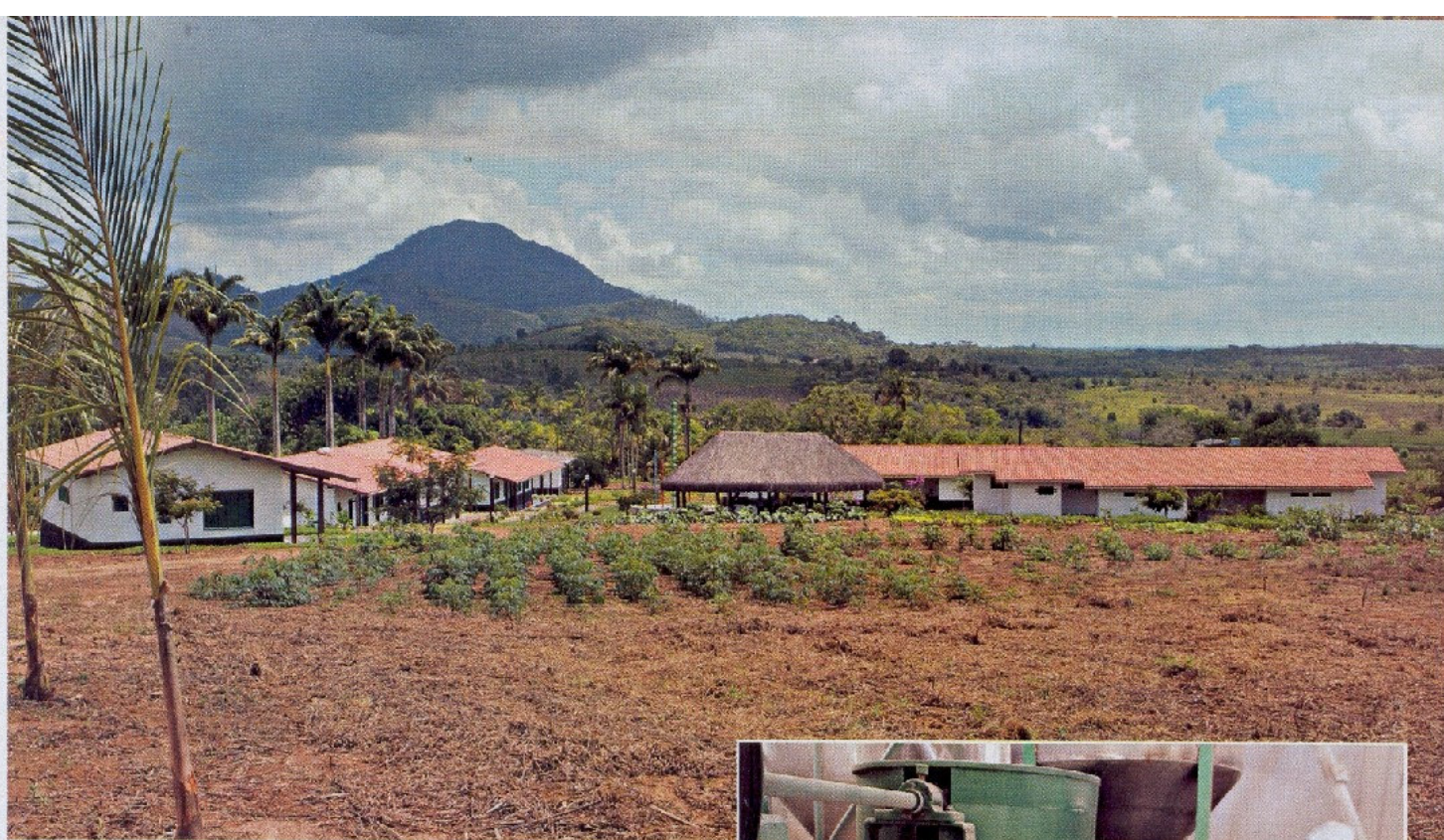
PIONEIRISMO Com isso, a entidade realiza um trabalho pioneiro, o DIS Baixo Sul – Programa de Desenvolvimento Integrado do Baixo Sul da Bahia, que agregou novos parceiros desde a sua fundação, como o governo do estado da Bahia, a Amubs – Associação dos Municípios do Baixo Sul, o Ides – Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Baixo Sul, a Embrapa, o Sebrae/BA e a Price Waterhouse

Coopers, empresa de auditoria. O DIS tem como objetivo o fortalecimento do capital humano, social, produtivo e financeiro dos agricultores.

"Nosso propósito é transformar músculo em cérebro", diz. Para manter os jovens no campo, foi criado em Presidente Tancredo Neves um projeto de formação de pequenos empresários – a Casa Familiar Rural – hoje com 70 estudantes, divididos em duas turmas.

A metodologia é baseada na "pedagogia da alternância", que mescla períodos de uma semana em regime integral com aulas teóricas, e duas semanas de aplicação prática de conhecimentos na propriedade familiar, sob a orientação de monitores. O modelo é inspirado nas casas familiares francesas criadas em 1937 quando famílias de agricultores se mostravam preocupadas com a formação profissional e humanitária de seus filhos.

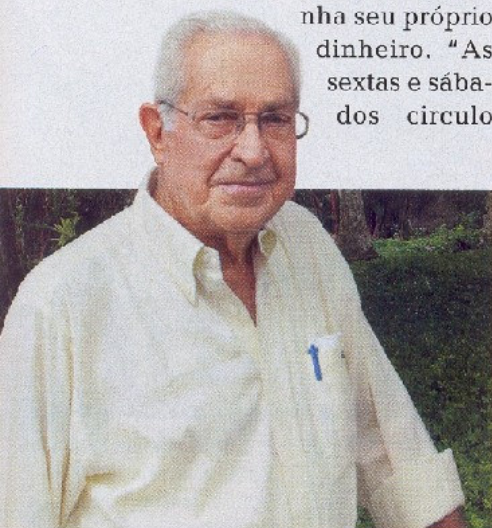
"Em 2002 o Ministério da Agricultura tornou-se nosso parceiro e aplicou dois milhões de reais no projeto", diz Clóvis Faleiro, diretor-exe-



DEPENDÊNCIAS da Casa Familiar Rural e detalhe (acima) da fábrica de farinha de Presidente Tancredo Neves: emprego e renda na região

cutivo da Casa Familiar Rural. Geiane de Macedo é uma das jovens estudantes da Casa Familiar.

Inscrita no projeto por seu pai, ela já começou a transformar a propriedade de sua família. "Temos uma área de 12 hectares com cacau, banana, cravo-da-índia e caju. Recentemente instalei uma horta", conta, orgulhosa. Não é para menos. Aos quinze anos de idade, ela já ganha seu próprio dinheiro. "As sextas e sábados circulo



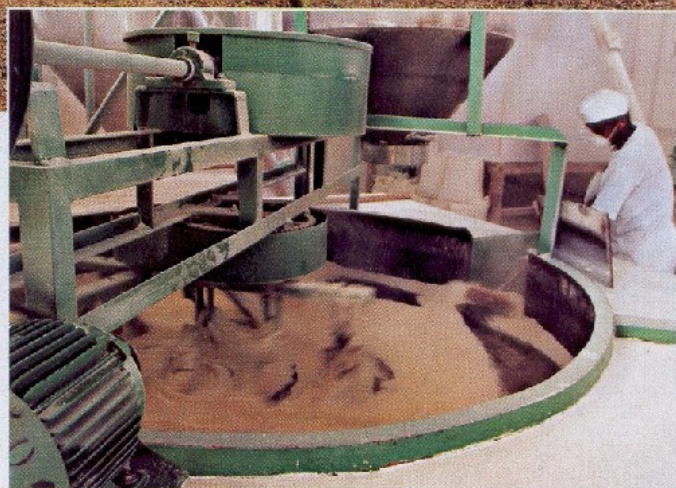
MISSÃO da Odebrecht, segundo Norberto: "Educar o homem para a vida"

com carrinho de mão pela cidade. Vendo tudo o que levo", diz. Marcos dos Santos é colega de turma de Geiane e participa há nove meses do projeto.

PRÁTICA "Quando entrei na escola trabalhava no campo, mas não tinha prática. Hoje sei que terei bons resultados", diz o rapaz, filho de agricultores que cultivam mandioca, cacau, cravo e guaraná em um pedaço de terra de sete hectares.

A vida da jovem Ilaíde Silencio Andrade, de 20 anos, também melhorou. Sua família produz mandioca, banana, café, guaraná e cacau em área de 14 hectares, mas ela pouco interesse tinha em viver no campo. Isso foi antes de ingressar na Casa Familiar, há dois anos.

"Estou me preparando para ser uma jovem empresária rural. Melhorarei o manejo das lavouras de minha família e repasso os conhecimentos obtidos na escola aos meus três ir-



mãos", diz. Além da área familiar, Ilaíde já tem uma terra só sua. "É meio hectare onde planto mandioca." A menina também é a responsável da casa pela venda da banana. "Entrego na cidade 40 caixas de banana a cada quinzena". Os seus planos, depois que terminar o curso, são promissores. "Penso em trabalhar com seringueira e avicultura."

Genival não duvida que Ilaíde chega lá. Afinal ele mesmo, aos 34 anos, tornou-se um jovem empresário rural que se orgulha em difundir o fortalecimento do capital humano, social e financeiro na região. "Tenho dois funcionários, que remunero semanalmente e para quem pago participação nos lucros ao final de cada ano. É importante estimular a produção", conclui. 